



Brasil, brasilidade, brasilianistas: *memoir* e trajetória de Charles Perrone e Šárka Grauová

Jefferson Evaristo e Leonardo Davino de Oliveira entrevistam Charles Perrone, professor aposentado da Universidade da Flórida, onde se dedicou por mais de trinta anos ao ensino da língua, literatura e cultura brasileiras, e Šárka Grauová, professora de literatura brasileira da Universidade Carolina, em Praga, na República Tcheca. Ambos brasilianistas de destaque em seus países de atuação.

Jefferson Evaristo and Leonardo Davino de Oliveira interview Charles Perrone, a retired professor at the University of Florida, where he dedicated himself for more than thirty years to teaching Brazilian language, literature and culture, and Šárka Grauová, professor of Brazilian literature at the Carolina University, in Prague, in the Czech Republic. Both prominent Brazilianists in their respective countries.

Os convidados para esta edição de entrevista – não usual, advertimos – do número 58 da Revista Matranga são dois dos maiores nomes dos estudos brasilianistas no mundo. De um lado, temos o professor CHARLES A. PERRONE, professor aposentado da Universidade da Flórida, onde se dedicou por mais de trinta anos ao ensino da língua, literatura e cultura brasileiras, sendo reconhecido como um dos mais destacados brasilianistas dos Estados Unidos. Doutor pela Universidade do Texas em Austin desde 1985, é autor de uma centena de livros, artigos e ensaios, largamente referenciados e conhecidos em todo o mundo.

Do outro lado, temos a professora ŠÁRKA GRAUOVÁ, professora de literatura brasileira da Universidade Carolina, em Praga, na República Tcheca. Šárka é talvez o maior nome do brasilianismo naquele país, importantíssima tradutora de Machado de Assis, dentre outros, ganhadora de prêmios diversos e já bastante conhecida aqui no Brasil, com textos teóricos, ensaios e outras entrevistas realizadas. Escritora profícua, possuindo mais de uma centena de textos diversos publicados, é responsável por formar gerações de pesquisadores, professores e tradutores da literatura brasileira.

Nossa entrevista, como já dissemos, terá um caráter menos usual do que o que se espera desse tipo de texto. Os dois editores, partindo da noção de um *memoir* e da vinculação aos estudos bra-



silianistas, propuseram uma conversa, um diálogo a quatro vozes, uma polifonia de experiências teórico-formativas em torno do percurso intelectual que trouxe cada um de nós a este fim de 2022.

Bem, para começarmos a conversa, convém pontuarmos algumas questões a respeito de nossa discussão. Como a miscelânea de nossa edição, também nós tivemos de nos unir em torno de uma coletânea de textos com temática comum: a da formação de pesquisadores brasilianistas. Por conta disso, em primeiro lugar, buscamos compreender os sentidos possíveis para a questão.

Segundo o dicionário Caldas Aulete (2011, p. 240), o termo brasilianista “diz-se do indivíduo brasileiro que estuda ou que é especialista em assuntos brasileiros”. A definição consagrada, entretanto, deixaria de fora nossos dois convidados, dois exímios brasilianistas, ainda que nenhum deles seja um “indivíduo brasileiro” – ao menos não em seu sangue e passaporte. O mesmo dicionário (AULETE, 2011, p. 240), ao definir brasilianismo, afirma que é o “estudo de assuntos brasileiros”, “o mesmo que brasilidade”. Remetemo-nos à brasilidade e encontramos a definição proposta (AULETE, 2011, p. 240): “qualidade ou caráter do que ou de quem é brasileiro”, “sentimento patriótico em relação ao Brasil”.

As definições do dicionário Aulete não são descabidas. De fato, a raiz comum que origina brasilianista, brasilianismo e brasilidade são todas circundantes de uma mesma imagem de país, de povo, de língua; enfim, de Brasil. Porém, expandindo a compreensão desse Brasil como sendo pertencente apenas a seu povo, Charles Perrone e Šárka Grauová vêm comprovar que há muito de brasilianismo fora do Brasil.

Na condução da entrevista, nós, editores, optamos por esconder parcialmente nossas vozes, nossos percursos, nossa brasilidade e brasilianismo e, em lugar disso, deixar aflorar um Brasil outro, visto de fora, amado e amável sob muitos aspectos; um Brasil que encantou, seduziu e acompanhou nossos convidados em suas vidas pessoais e profissionais; um Brasil que os atraíu, convidou para dançar, para ouvir o canto do mar e admirar os sertões; um Brasil que se fez ler e ouvir, traduzir e cantar.

Revista Matruga | O Brasil tem uma longa tradição de formação de brasilianistas e o tema perpassa muitos de nossos campos teóricos. Recordo-me de, por variados motivos, ter estudado em minha formação historiadores, filósofos, sociolinguistas, críticos literários ensaístas e até gramáticos, dentre outros, que narravam o Brasil e, com isso, narravam a si mesmos. Cara Šárka, poderia nos contar um pouco sobre a trajetória que a levou a ser uma brasilianista?

S.G.: Minha carreira de brasilianista começou de maneira um tanto esdrúxula. Minha entrada na Universidade, em 1983, se deu em pleno regime comunista, o qual tolhia a liberdade das pessoas em muitas maneiras. Quem entrava na Universidade não podia se inscrever em disciplinas de sua escolha, mas tinha que optar por disciplinas que o Ministério da Educação tinha resolvido abrir naquele preciso ano. Falo inglês desde meus quatro anos, quando meu pai, especialista em tratamento de água residuais, fazia seu pós-doutorado na Universidade da Califórnia; e, naquele 1983, foi o português que saiu como a combinação obrigatória com o inglês. Não gostei nada, posto que era mais uma entre tantas imposições do regime.



Naquele momento, em decorrência do regime pró-socialista em Portugal e da ditadura no Brasil, o português que se ensinava era o português europeu. A partir do segundo ano, tivemos uma leitora portuguesa e o Instituto de Língua e Cultura Portuguesa enviava periodicamente livros e materiais didáticos. Durante todos os cinco anos de estudos, não chegamos a ver um único brasileiro. Praticamente só tínhamos aulas de língua prática, o resto se resumia a um panorama inconsistente. A situação mudou na hora de escolher o tema da dissertação de mestrado, quando Martin Hilský¹, meu professor de literatura inglesa predileto, se lembrou de ter lido num livro de Ihab Hassan² sobre pós-modernismo que Laurence Sterne³ teve influência num escritor brasileiro que se chamava Machado de Assis. Na minha ignorância fenomenal, fui ver o tal Machado e o resultado foi a dissertação com o título (em tcheco) “As metamorfoses da forma livre: Laurence Sterne e Machado de Assis”.

Revista Matraga | Para mim, um importante ponto de contato com os estudos brasilianistas veio da minha formação crítico-literária, especialmente a partir da inter-relação entre a literatura e a música. A palavra cantada da língua portuguesa, sua transdisciplinaridade, as escritas biográficas e biopoéticas convergiram em mim nesse híbrido. Charles, também para você a experiência com a canção popular foi um importante ponto de encontro, não é?

C.P.: Comecei a estudar português na Universidade da Califórnia, em Irvine, durante o curso de mestrado em estudos hispânicos. A professora (de língua e letras) era uma divertida baiana que sempre incluía canção brasileira nas aulas, sobretudo a dos grandes nomes da bossa nova e da MPB, com lugar de destaque para Dorival Caymmi, cujo *Cancioneiro da Bahia* ela me deu de presente na véspera de minha primeira viagem ao Brasil. No ano seguinte (1978), ganhei uma bolsa para passar um ano no país. O tema oficial da minha pesquisa era a canção folclórica no romance de trinta. Cheguei a publicar meu primeiro artigo a respeito na revista do MEC. Mas, à medida que eu ia investigando o canto na ficção, ganhava força na minha cabeça a música popular urbana; assim, publiquei duas matérias curtas relacionadas no *Jornal de Letras*.

Em termos de evolução pessoal, o livro que mudou o rumo mesmo (“fez a minha cabeça”, reza a expressão) foi o clássico *Balanço da bossa e outras bossas*, de Augusto de Campos – muitas de suas páginas eu li na praia de Copacabana. Voltei com muitos livros, discos, e ideias sobre as inter-relações entre a literatura e a música.

No curso de doutorado na Universidade do Texas, tive o privilégio de ter como professor convidado Haroldo de Campos, que incentivou dois trabalhos de fim de curso que levaram a

¹ N.d.E.: É professor emérito de literatura inglesa na Charles University, em Praga – República Tcheca. É um dos mais destacados tradutores de Shakespeare do mundo, tendo recebido diversos prêmios por sua atuação – ganhou, inclusive, um prêmio de Sua Majestade a Rainha Elisabete II, que o nomeou Membro Honorário do Império Britânico. Ainda no campo da crítica, foi ensaísta e escritor.

C.f. Disponível em: <<https://ualk.ff.cuni.cz/staff/academic-staff/martin-hilsky/>>. Acesso em: 25/11/22.

² De origem egípcia, Hassan foi um teórico da literatura e escritor norte-americano, com algumas centenas de ensaios e textos diversos escritos. Foi, ainda, professor na Universidade de Wisconsin-Milwaukee.

³ Padre anglicano do século XVIII, foi um conhecido escritor inglês.

publicações minhas em revistas norte-americanas: uma sobre barroquismo em Caetano Veloso e outra, sobre a música popular no romance malandro (*Marafa*, de Marques Rebelo). Ainda no curso de doutorado, escrevi ensaios músico-literários sobre as cantigas em *Grande sertão: veredas* e as relações da poesia concreta com a bossa nova e a MPB. A minha tese seria “Lyric and Lyrics: The Poetry of Song in Brazil” (1985), uma análise de um fenômeno de geração. Como se tratava de uma tese em um departamento de Letras antes da afirmação dos estudos culturais, o enfoque tinha que ser mormente textual. Para levar a cabo a obra, eu não dispunha de modelo crítico-teórico, então tive que armar meu próprio apoio pegando elementos de estudos sobre trovadores provençais, a canção renascentista inglesa, *lieder*, e outros. Principalmente pude me valer do conceito de *performed literature* de Betsy Bowden, uma professora de inglês estudiosa de Bob Dylan. Em tempo: esse estudo depois ganhou o Prêmio Nobel. A tradução da minha tese (originalmente aceita pelo Ênio Silveira, da Civilização Brasileira, antes da doença dele), foi publicada, em forma algo reduzida, como *Letras e letras* (da Música Popular Brasileira) (1988, edição “histórica” e corrigida, 2008). Ainda a citam a cada novo semestre, do que não me queixo. Então, sim, esse foi um caminho muito importante em minha trajetória de brazilianista.

Revista Matraga | Charles, e o que veio depois dessas primeiras experiências?

C.P.: Mais artigos resultaram da pesquisa de doutoramento e dos convites que começaram a chegar para o jovem professor assistente. Assim apareceram segmentos sobre o vanguardismo em Caetano, o drama de Chico Buarque, e outros, notadamente um artigo sobre cruzamentos da MPB e da literatura brasileira. O lado “literário” da MPB foi um dos aspectos importantes do meu primeiro livro em inglês: *Masters of Contemporary Brazilian Song: MPB 1965-1985* (1989). Vale a pena dizer que, como eu não mais respondia a uma banca convencional, pude incluir muito mais de teor musicológico, sociólogo e histórico nos capítulos sobre Chico, Caetano, Gil, Milton, e Bosco-Blanc. Esse livro, dizem colegas jovens em diferentes disciplinas, foi pioneiro e abriu passo para a música popular no campo luso-brasileiro na América do Norte. Uma tradução em fascículos apareceu na Espanha, mas no Brasil não houve editora interessada...

Revista Matraga | Šárka, Charles, poderiam dizer um pouco mais sobre o início de suas carreiras como professores?

S.G.: No início de 1990, logo após a mudança do regime, fui chamada para começar a ensinar literaturas portuguesa e brasileira. Era uma catástrofe – na era pré-internet, quem não tinha acesso aos livros, era condenado à sua própria inventividade. Espero que no dia do Juízo Final minhas aulas de principiante não sejam lembradas...

Passado um tempo, percebi o quanto meus conhecimentos eram insuficientes – especialmente na área de literatura brasileira. Posto que naquela época não existiam relações entre a Universidade Carolina de Praga e as universidades brasileiras, e nem havia bolsas ou outras hipóteses de um estudo oficial, aproveitei o fato de meu pai trabalhar na época para uma empresa



de tratamento de água em São Paulo e fui lá fazer um estágio de três meses. Esse foi o verdadeiro começo de meus estudos sobre o Brasil. Graças a uma inestimável ajuda e generosidade de José Mindlin, a quem conheci por um acaso nunca explicado, consegui passar outros três meses em São Paulo e conheci duas professoras da USP que foram minhas primeiras guias na área de literatura e cultura brasileiras: Telê Ancona Lopez e Walnice Nogueira Galvão.

Voltando a Praga, retomei as minhas aulas de literaturas portuguesa e brasileira. Fui a única professora de literaturas de língua portuguesa no Departamento e por isso tive que, se não dominar, ao menos dar aulas da matéria desde a poesia trovadoresca portuguesa até Milton Hatoum. Desde aquela época, venho acumulando por todos os meios possíveis um acervo de livros que hoje em dia constitui uma boa base para os alunos curiosos para conhecer a literatura dos países lusófonos. Na Europa Central e do Leste, o brasileirismo – e num grau menor os estudos lusófonos em geral – ainda é isso: fruto de um esforço individual de pessoas que não hesitam em carregar os livros nas costas e procurar caminhos sinuosos para conseguir o que em muitas universidades ocidentais é realizado por um time. De todo modo, a situação está mudando, mas os meus sofisticados métodos piratas às vezes chegam a ser úteis inclusive para os colegas das grandes universidades europeias.

No início, meu interesse profissional – se é que uma palavra destas pode ser utilizada para uma pessoa essencialmente amadora como eu – recaía na literatura, especialmente na prosa narrativa dos séculos XIX e XX. Desde sempre, considero a tradução como o caminho régio para se entender um livro e um autor. Na altura de escrever a dissertação, comecei a traduzir *Memórias póstumas de Brás Cubas* – para entender. Por causa de uma grande transformação do mercado do livro, ligada à mudança do regime e à curiosidade nessa transformação, a tradução saiu apenas em 1996, mas a data é um fator secundário. O mais importante para quem traduz, para pensar melhor, é descer no fundo da obra, sentir cada palavra e cada frase, perceber a lógica interna das figuras e do discurso literário de cada escritor. Num dado momento, o texto se abre de uma forma que só pode ser equiparada a uma boa aula de análise de texto, com a diferença de que desta não permanece um registro gravado. Durante um pequeno instante, podemos vislumbrar qualquer coisa do âmago do texto que, passado um tempo, volta a ser opaco. Não é por acaso que a minha tese doutoral partiu da tradução de *Depois de Babel*, de autoria de George Steiner.

Tenho plena consciência de que – na época em que a qualidade se mede por citações e publicações em revistas bem classificadas – o que estou dizendo soa muito obsoleto, mas estou disposta a pagar o preço. Estou convencida de que numa cultura pequena, como a tcheca, o dever de um filólogo é ser uma ponte entre as culturas – e uma ponte com trânsito nos dois sentidos. Assim como traduzi *Macunaíma*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* ou *Budapeste*, tenho muito gosto em contribuir para que a literatura tcheca seja melhor conhecida no Brasil, escrevendo e falando em português sobre os autores tchecos: Božena Němcová⁴, Jan Neruda⁵ ou Bohumil Hrabal⁶.

⁴ Escritora tcheca do início do século XIX.

⁵ Um dos grandes nomes do realismo tcheco do século XIX, foi poeta, contista e novelista.

⁶ Importante escritor do século XX, é mundialmente conhecido.



C.P.: Em termos de carreira, o livro que me serviu de passaporte para o patamar de professor titular foi *Seven Faces: Brazilian Poetry Since Modernism* (Sete faces: poesia brasileira desde o modernismo, 1996), título com clara alusão ao histórico poema de Drummond e uma sugestão de haver sete aspectos a serem estudados. Sim, o livro trazia capítulos sobre a Semana de 22 e além, poesia concreta, Violão de rua e a lírica engajada, anos 70 e vozes jovens (poesia marginal e criação intersemiótica), pós-concretismo do Grupo Noigandres, pluralidade do fim de século, e, lógico que não poderia faltar, a poesia da canção. Esse capítulo continha atualizações depois de 1985, pois Chico, Caetano e outros não paravam de poetizar e despontava um talento de nível inusitado chamado Arnaldo Antunes; um de seus textos até foi escolhido pelo departamento de arte da editora, para formar parte da capa do livro.

Meu próximo livro, uma coletânea de ensaios co-organizada, *Brazilian Popular Music and Globalization*, era mais sociológico e menos literário, mas assim tinha que ser. É essencial haver compartilhamento entre as disciplinas acadêmicas, para que a importância da música popular siga em frente. Os segmentos que possuíam algum toque literário eram a introdução geral (que mencionava Noel Rosa, Vinicius de Moraes, os poetas-compositores da MPB), um estudo sobre Tropicália (de autoria de Christopher Dunn, co-organizador), outros estudos com conteúdo tropicalista, e o último com acentos oswaldianos (há um site ainda ativo dedicado ao livro).

Os conceitos de globalização mais amplos me levaram a enfoques mais restritos aptos para os estudos literários, como a poética transamericana e a literatura interamericana. Apareceu um estudo sobre os tropos tropicalistas (2000), que chegou a integrar um *website* brasileiro dedicado ao movimento. Ainda, “Resource and Resonance: A Story of Transamerican Poetics and Brazilian Song in Global and Cultural Perspective” (Recursos e ressonâncias: uma história da poética transamericana e da canção brasileira em perspectiva global e cultural, 2001), que destacava Arnaldo Antunes. A presença do jazz e do rock na lírica brasileira compunha uma das seções do artigo “Insular Outreach Moveable Outlook: Transamerican Currents in Brazilian Lyric” (Procura insular e visão móvel: correntes transamericanas, 2004). Um avaliador daquele artigo sugeriu que ele era o núcleo de todo um livro, e levei a sério a sugestão.

Durante a década, pesquisei, organizei, escrevi e publiquei *Brazil, Lyric, and the Americas*, que tem capítulos sobre as origens do Brasil no hemisfério americano, a consciência brasileira das letras norte-americanas, filme-música popular-mídia na imaginação poética brasileira, poemas épicos (“cantados”) do Brasil, ligações líricas (incluindo musicais) com Los Hermanos, e a “continuação” do tropicalismo no mangue beat. Considero, apesar de haver tão poucas resenhas, meu trabalho mais original. A capa do livro reproduz o “pentahexagrama para John Cage” de Augusto de Campos, cuja identificação (crítica e criativa) com a música de invenção, erudita e/ou popular, é bem conhecida no Brasil e merecidamente apreciada por críticos fora do país.

Até aqui, falei de pesquisa e publicação, mas é preciso falar do pedagógico, do ensino em que a investigação pode ser aplicada. Seguindo o exemplo da minha primeira professora de português, sempre incluí canções nas aulas de língua, do básico até o mais avançado. Porém nas classes de “conteúdo”, podia ir mais longe, incluir bem mais. Inventei um curso sobre o Nordeste em 1986, com semanas dedicadas à cantoria e à turma do Ceará e outras da região. Alterei a convencional classe sobre o modernismo, para abarcar a música na semana de 22. A pedido do diretor de um

Centro, desenvolvi uma classe sobre *Latin American Song* (em tradução), metade da qual era brasileira, apesar de a nação representar só um terço da região. Nas ocasionais aulas de poesia contemporânea, a presença da música, escusa dizer, era formidável. Um tema riquíssimo que persegui durante décadas era a conexão dos poetas concretos com a música popular (bossa nova, MPB, até rock). Enfim, em todas as aulas eu procurava incluir algo cancional, fosse modinha antiga, beleza de Noel Rosa, ou alguma inspiração mineira. Um belo dia (2014), decidi que o melhor mesmo era todo um seminário: *Music and/in Literature* (Música e/na Literatura). Para a prosa, de Machado de Assis até nossos dias, duas ótimas antologias: *Aquarelas do Brasil: contos de nossa música popular*, organizada por Flávio Moreira da Costa, e *Aquela canção* (contos a partir de composições seletas), organizada por Arthur Nestrovski. Pude aproveitar meus estudos sobre o romance malandro (Marafa), Dulce Veiga, e a música popular em Jorge Amado (sobre isso apresentei no II webinar de estudos amadianos da UEBA, em 2021). Ainda dá para consultar programas dessas aulas em meus sites universitários citados. É prazeroso saber, nestes dias de aposentado, do interesse de novas turmas nas aulas que administrei, e a internet facilita o contato de gente do Brasil, das Américas afora, de Portugal e doutros países da Europa; enfim, do planeta.

Revista Matraga | Vocês dois são experimentados tradutores de obras brasileiras. Essa experiência ajudou a formá-los como brasilianistas?

C.P.: No início da década de 90, me enveredei por outros caminhos, mas dalgum jeito o canto brasileiro e/ou a MPB aparecia(m) em tudo que eu tocasse. Assim, a minha tradução de “Táxi, ou poema de amor passageiro”, de Adriano Espínola, incluía na epígrafe, ao lado de T. S. Eliot, trecho da letra de uma composição de Geraldo Azevedo, Zé Ramalho e Alceu Valença: “apenas apanhei na beira-mar / um táxi pra estação lunar...”. E, ao liderar o time para elaborar a nova edição de uma coletânea de crônicas brasileiras para alunos de português nos EUA, vi uma oportunidade para apresentar as “crônicas musicadas” de Aldir Blanc, coisa que não chegou a se concretizar, mas que valeu pelo esforço. Nada impedia, contudo, que nós professores apresentássemos uma crônica cantada por João Bosco em uma aula sobre a cultura brasileira em geral ou a cidade carioca em particular. Viva Aldir Blanc, com sua intuição de batera e psiquiatra, o mais hábil dos letristas parceiros e um elegante defensor da dignidade nacional perante o peso e a influência da cultura norte-americana, mormente na música popular.

S.G.: Algo sobre isso já disse antes, então não repetirei. A partir de 2005, coordeno a coleção Biblioteca Luso-Brasileira, que apresenta ao público tcheco obras de literaturas de língua portuguesa. Insisto em que a obra seja bem traduzida e o texto bem-preparado. Os volumes da literatura brasileira incluem obras de Guimarães Rosa, Chico Buarque, Castro Alves, Lima Barreto, B. Kucinski e Raul Bopp. Estou contente com o êxito de Vlasta Dufková, tradutora de mão cheia, que recebeu por sua tradução de *Buriti* o grande prêmio da Associação de Tradutores. E os autores dos longos estudos sobre a determinada obra e autor escrevem sobre temas importantes, como a escravidão no Brasil e a ditadura brasileira.



Também acho importante ajudar a formar jovens tradutores. Uma ou duas vezes por ano, ministro uma oficina de tradução da qual participam tradutores potenciais de toda a República Tcheca. Em 2009, iniciei a criação do prêmio de tradução a partir do português, cujo nome foi originalmente Prêmio Hieronymitae Pragenses e o qual, depois da morte da Pavla Lidmilová (1932–2019), grande tradutora tcheca de literaturas lusófonas, passou a se chamar Prêmio Pavla Lidmilová. Estou contente com o fato de que alguns dos participantes já iniciaram uma carreira de tradutores profissionais.

Em 2009, fundamos a Sociedade Tcheca de Língua Portuguesa, da qual sou ainda a primeira presidente. Trata-se de uma associação que une todas as pessoas que se ocupam dos países de língua portuguesa, sejam eles filólogos, historiadores, politólogos, economistas ou profissionais de outras especialidades. Organizamos colóquios anuais com o fim de que os lusitanistas na República Tcheca tenham possibilidade de se encontrar, saber dos temas sobre os quais os outros pesquisam e formar laços pessoais numa época que dá preferência ao individualismo e à concorrência.

Revista Matruga | Atualmente, como estão as pesquisas e estudos que desenvolvem? Charles, sabemos que o senhor está já aposentado, mas sabemos também que isso não mudou o fato de que o senhor segue em atividade, assim como nossa Šárka. A que projetos estão se dedicando no momento?

C.P.: Pulando para 2022, estando já aposentado há cinco anos, publiquei um livro sobre o LP *Chico Buarque*, de 1978. Dadas as tendências literárias do compositor, há momentos pertinentes a essas lembranças focadas sobretudo nas canções da *Ópera do Malandro* (especialmente “Pedaço de mim”), que constituem instâncias da inter-relação música-literatura via gênero drama. Há ainda a canção “Cálice” (Gil-Buarque), com suas metáforas dolorosas, e “Até o fim”, letra feita a partir dos primeiros versos do “Poema de sete faces”, de Drummond. Constatei novamente que não há como falar do músico Chico Buarque sem considerar o homem de letras. E houve oportunidade de citar, no livro de 2022, artigos feitos nos anos 2000, para muito bem-conceituadas coletâneas sobre a obra do grande Chico Buarque. Então, no momento, minha atividade tem sido essa.

S.G.: No que tenha a ver com meu trabalho de pesquisadora, nos últimos anos ele se centra na literatura da virada do século XIX para o XX, período esse que, por falta de uma designação melhor, chamamos de pré-modernismo. As obras daquela época, por muito tempo consideradas imperfeitas, são reveladoras não apenas dos impasses da modernidade e modernização brasileiras, alguns dos quais se perpetuam até hoje, mas ao mesmo tempo demonstram uma originalidade fascinante perante os modelos europeus ideológicos e formais. O realismo sincero de Lima Barreto, o naturalismo simbólico de Adolfo Caminha, o conto fantástico do regionalismo, a captação da cultura híbrida em Simões Lopes Neto, a linguagem originalíssima de Augusto dos Anjos, a transformação da poética simbolista de Cruz e Sousa, sem falar do reconhecido

monumento de erudição de Euclides da Cunha – todas essas “histórias escritas no avesso” da modernização são provas da uma força criativa da literatura brasileira que está longe de ser devidamente explorada e compreendida.

O esforço para que o Brasil seja mais conhecido na República Tcheca faz parte integral do meu trabalho. Sendo os especialistas ainda poucos, ultimamente venho seguindo alguns temas fora da área de literatura que acho importantes para o conhecimento do Brasil atual. Dentro de meus estudos teológicos, comecei a pesquisar e escrever sobre os pentecostais e neopentecostais brasileiros, que são uma pedra de jogo importante na conjuntura política atual. Minha indignação com o desmatamento e com o descaso aos direitos indígenas se materializaram primeiro numa oficina de tradução dos mitos originários, a qual se prolongou, devido à Covid-19, por quase um ano e que resultou numa bela publicação da tradução das *Lendas e mitos amazônicos* recontados por Reginaldo Prandi. O livro, ilustrado por alunos do ateliê da ilustração na Escola das Belas Artes e dirigido por Juraj Horváth⁷, esgotou em poucas semanas e teve uma ótima repercussão. Missão cumprida. Na semana passada⁸, saiu minha antologia de textos de Ailton Krenak, acompanhada de um estudo sobre a história do movimento indígena. Obviamente, a repercussão tcheca da tragédia indígena e ambiental não salva ninguém, mas é melhor do que amaldiçoar a escuridão.

Fico honrada por ter sido eleita, em 2019, vice-presidente da Associação de Brazilianistas na Europa (ABRE) e, em 2021, presidente. A ABRE é uma entidade de que há muito precisávamos, posto que os brazilianistas europeus costumam colaborar com seus colegas brasileiros, não se conhecendo mutuamente. Os três congressos da ABRE, o último organizado a partir de Praga, foram uma festa do brazilianismo europeu e espero que a ABRE possa dar um apoio aos estudos sobre o Brasil num momento tão difícil para o país de que gostamos tanto.

Revista Matraga | A conversa que tivemos, certamente, será de muita utilidade para nossos leitores, sejam eles alunos em formação, sejam eles profissionais já em atividade. Perceber o percurso de formação de brazilianistas como vocês – sim, brazilianistas, a despeito de qualquer definição de dicionário, de sangue ou de passaporte –, de homens e mulheres que abraçaram o Brasil como seu, é de grande valia para todos. Como forma de encerrar nossa conversa, gostariam de deixar alguma palavra final para nossos leitores?

C.P.: Agradeço o convite para contribuir com um depoimento sobre minha trajetória no âmbito dos estudos brazilianistas e das rubricas “Literatura e Música” e “Poesia da Canção”. As presentes palavras tomam também, em alguns momentos, a forma de uma (auto)entrevista baseada em perguntas que jornalistas, radialistas, e colegas acadêmicos têm me feito desde finais dos anos 1970, quando apareci no meio como pesquisador-bolsista estrangeiro. Não transcrevo as perguntas, mas elas são implícitas nas “respostas” e explicações. Remeto quem lê este *memoir*

⁷ Editor e ilustrador tcheco.

⁸ A entrevista foi concedida no dia 09/11/2022, uma quarta-feira.

às bibliografias na minha página profissional⁹. Agradeço novamente o convite para falar desses anos de canto e espanto. Obrigado.

S.G.: Deixo meu agradecimento pelo convite para dividir com vocês um pouco da minha trajetória como pesquisadora e da minha paixão pelo Brasil, sua cultura, língua e literatura. Espero que haja outros momentos como esse. Muito obrigado.

⁹ A pedido do autor, indicamos dois sites aos leitores:

Disponível em: <<https://people.clas.ufl.edu/perrone/>>. Acesso em: 25/11/2022.

Disponível em: <<http://plaza.ufl.edu/perrone/>>. Acesso em: 25/11/2022.

